

Relação entre o sensível e o inteligível em Santo Tomás de Aquino

Relationship between the sensible and the intelligible
in Saint Thomas Aquinas

D. ANSELMO CHAGAS DE PAIVA, OSB*

CLEBER DE LIRA FARIAS**

Resumo: Neste artigo pretendemos investigar, a partir da análise de alguns fragmentos da *Suma Teológica* de Tomás de Aquino, se o intelecto humano pode conhecer o singular material. Para tanto, abordaremos os termos “certa reflexão” e “conversão à imagem sensível” para buscar compreender a relação do inteligível com o sensível. Isto posto, iniciando a pesquisa pelo “conhecimento sensível”, queremos nos perguntar se este é imprescindível para o conhecimento intelectual. Ademais, analisando os sentidos internos, buscaremos entender como eles criam as imagens das coisas sensíveis, uma vez que estas são necessárias para obtenção do conhecimento. Por isso, essa pesquisa tem o intuito de esclarecer as dificuldades na interpretação da epistemologia tomasiana acerca da relação entre o sensível e o inteligível. O artigo procura mostrar as dificuldades para harmonizar estas afirmações no contexto da epistemologia tomista.

Palavras-chave: Experiência. Fantasma. Quididade. Juízo. Reflexão. Santo Tomás de Aquino.

* D. Anselmo Chagas de Paiva, OSB é doutor em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Católica Argentina e Diretor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ). E-mail: dom.anselmo@osb.org.br

** Cleber de Lira Farias é mestre em Filosofia (Lógica e Metafísica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: cleber.farias@ymail.com

Abstract: In this article we intend to investigate, from some fragments of the *Summa Theologica* of Thomas Aquinas, if the human intellect is able know the unique material. Therefore, we will cover the terms “right thinking” and “conversion to sensitive image” to seek to understand the relationship of intelligible with the sensitive. Then, in the search for the “sensitive knowledge” we intent to ask us if this is indispensable for intellectual knowledge. Furthermore, analyzing the internal senses we will endeavor to understand how they create images of sensible things, since they are necessary for obtaining knowledge. Therefore, this research aims to clarify the difficulties in the interpretation of Thomasian epistemology on the relationship between the sensible and intelligible. The article tries to show the difficulties to harmonize these statements in the context of Thomistic epistemology.

Keywords: Experience. Ghost. Quiddity. Judgment. Reflection. Saint Thomas of Aquinas.

Introdução

Na teoria do conhecimento de Santo Tomás de Aquino há traços marcantes do pensamento de Aristóteles, através do qual este é introduzido no *corpus* teórico medieval. Isso vem a ocorrer em meados do século XII, no qual se reafirma que não há ciência do singular, mas apenas do universal. Isto posto, facilmente é notada que a escolástica baseia-se na concepção aristotélica de que, diante da experiência sensível das coisas em sua singularidade, o intelecto é incapaz, mediante sua natureza, de compreender o individual, apreendendo o que nelas é específico, em outras palavras, o universal.

A teoria de Tomás afirma que o conhecimento tem sua gênese, com efeito, no processo de abstração que ocorre por meio do intelecto agente que fornece ao intelecto possível a espécie inteligível, esta que é de caráter universal, obtida por meio da experiência sensível. Neste artigo, a pesquisa se deterá por duas perspectivas com vista ao mesmo fim. Na primeira, de caráter mais abrangente, procuraremos elaborar o modo pelo qual que Santo Tomás entende o processo do conhecimento – desde a experiência sensível até o ato judicativo. Na segunda, de caráter mais específico, buscaremos esclarecer se há ou não conformidade entre sensível dos atos da experiência com o inteligível – reflexão; conversão ao fantasma).

Para empreender essa pesquisa, recorrer-se-á, sobretudo, aos escritos de Santo Tomás de Aquino¹ que tratam sobre a questão do processo do conhecimento. De modo paralelo, buscaremos os pesquisadores que comentam a respeito da temática que esta pesquisa se propõe investigar a fim de uma melhor compreensão do tema abordado e, conseqüentemente, o esclarecimento de eventuais dúvidas.

1. Sobre o conhecimento sensível

Na literatura filosófica de Santo Tomás de Aquino, no *corpus thomisticum*, nota-se a importância da investigação sobre o conhecimento singular ou sensível, esta que é uma etapa essencial para a construção do ato de conhecer. Antes de qualquer especulação acerca desta temática, deve-se ter em mente que o “conhecer”, para Tomás, é, em certa medida, realizado no ato judicativo. Em termos formais, só é possível afirmar que se conhece algo quando, de algum modo, sabe que conhece. O termo utilizado para conhecimento singular ou sensível se relaciona com o processo de abstração² estabelecido por uma relação entre um sujeito e um objeto – que é externo (Cf. DV. q. 1, a. 1) – relacionados pela esfera sensível.

Na teoria do conhecimento do Aquinate, os sentidos externos humanos são responsáveis pela recepção de informações dos objetos do mundo exterior. Essas informações são obtidas por aquilo que Tomás designa como sendo o sentido próprio (Cf. ST. I, q. 78, a. 4).

O sentido próprio é a resolução da ação de um objeto sobre um sentido particular (qualquer dos cinco sentidos corpóreos). Desta maneira, pode-se observar que os sentidos particulares são aqueles que recebem e captam os objetos que lhes são próprios, por isso, cada *specie* dos objetos são impressas nos órgãos materiais pelo sentido que lhe é exclusivo. Tomás estabelece uma

¹ A saber: Suma Teológica (ST); De Veritate (DV); Ente e Essência (EE).

² Esse processo de abstração quer demonstrar que a apreensão dos sensíveis é uma ação realizada pela capacidade sensitiva da alma, portanto, constitui-se como a gênese de um processo que se completa na atividade intelectual humana. Neste contexto, não obstante, deve-se ressaltar que os sentidos sejam ontologicamente distintos do intelecto: os sentidos referem-se mais à matéria do que à forma, ao passo que o intelecto refere-se mais à forma do que à matéria. Desse modo, o conhecimento opera na esfera imaterial uma vez que as espécies inteligíveis advêm de um processo abstrativo do sensível.

ordenação dos sentidos de acordo com o grau de imaterialidade deles. Deste modo, a visão seria a faculdade mais sublime pelo fato de não ter uma imutação corporal que a acompanhe e o tato juntamente com o paladar estariam no fim da lista por seu contato necessário com uma imutação corporal. Por isso, na *Suma Teológica*, Tomás afirma:

O sentido da visão, porém, que não precisa de nenhuma mutação natural do órgão e do objecto é, dentre todos os sentidos, o mais espiritual, perfeito e comum; em seguida, vem o sentido da audição, e depois, o olfacto, que sofre mutação natural por parte do objecto. E, quanto ao movimento local, ele é do que o movimento de alteração e é anterior a este, como já se provou. Sendo o tacto e o gosto os sentidos mais materiais, de cuja distinção a seguir se tratará (ST. I, q. 78, a. 3).

Os dados sensíveis são coletados pelos órgãos internos do sujeito cognoscente. De acordo com Santo Tomás, os sentidos internos são: sentido comum³, memória, imaginação e cogitativa⁴. Pode-se dizer, de acordo com as palavras de Santo Tomás, “Como a natureza não falha, nas cousas necessárias, forçoso é haver tantas *acções* da alma sensitiva quantas se bastem para a vida do animal perfeito. E delas, as que não puderem se reduzir a um princípio, exigem potências diversas; ...” (ST. I, q. 78, a. 4).

De acordo com o processo do conhecimento até aqui investigado, pode-se observar, segundo o Aquinate, que a gênese de tal processo ocorre a partir da experiência, com a noção de abstração, ou seja, o modo pelo qual o sujeito cognoscente adquire de modo imanente o objeto conhecido⁵. No entanto, uma questão deve ser levantada a respeito do modo como Tomás entende a operação do processo do conhecimento, a saber: o objeto abstraído, ao qual o intelecto tem acesso, e o objeto presente aos sentidos do homem possuem a mesma natureza? Ou melhor, o objeto quando é abstraído através do processo cognoscitivo preserva todas as suas características essenciais dispostas em sua materialidade?

³ A esse respeito diz Sertillanges: “O sentido comum é o núcleo da sensibilidade espalhada por todo o ser vivo, o centro donde provêm os sentidos próprios, onde voltam as impressões deles e são sintetizadas” (SERTILLANGES, 1951. p. 272).

⁴ Na ST. I, q. 78, a. 4 esta faculdade é o ponto pelo qual Tomás adverte ser uma justificativa da diferença entre o homem e o animal.

⁵ Recebida na alma, a espécie sensível permite a produção de uma imagem sensorial, a qual é denominada de fantasma. O fantasma é resultante de um processo complexo que envolve vários estágios intermediários.

2. Sobre os sentidos internos e as operações do intelecto

Partindo do pressuposto de que, para Tomás, o processo do conhecimento tem como origem a experiência, pode-se compreender que, as informações dos dados sensíveis – as espécies singulares –, coletadas por abstração, são idênticas por *similitude*⁶ às espécies sensíveis intencionais, pois é através delas que obtemos conhecimento a respeito do mundo material.

Isto posto, pode-se vislumbrar mais claramente o caminho de investigação a que se propõe nessa pesquisa: se o intelecto conhece o singular. Neste sentido, Tomás, na Suma Teológica, afirma que o intelecto conhece diretamente o universal e, através de uma certa reflexão, conhece indiretamente o singular por meio das abstrações das espécies inteligíveis. Assim propõe o texto do Aquinate:

Porém, indirectamente e por uma como (quasi) reflexão, pode conhecer o singular. Pois, como já se disse, mesmo depois de haver abstraído as espécies inteligíveis, não pode, por ela inteligir em acto, senão voltando-se para os fantasmas, nos quais intelige as espécies inteligíveis, como diz Aristóteles. Assim, pois, intelige directamente o universal em si, pela espécie inteligível; indirectamente, porém, o singular, do qual são os fantasmas (ST, I, 86, a.1).

A tese apresentada por Tomás contém uma série de itens que devem ser investigados a fim de que possamos responder com clareza de que modo o intelecto conhece os objetos sensíveis. Neste sentido, esta temática gera a distinção entre universal e particular, uma vez que o primeiro é designado por aquilo que se mostra de forma intelectual e o segundo é aquilo que compõe o mundo dos sensíveis, isto é, a materialidade dos objetos. A divisão supracitada se justifica pelo modo de operação do intelecto, que por não operar com particulares, tendo em vista que a sua matéria, princípio de individuação, impede o conhecimento de universais. Por outro lado, no entanto, por não haver universais fora do intelecto,

⁶ Através das palavras do Aquinate, podemos compreender que similitude é um princípio formal, o qual garante ao intelecto adquirir intelecção. Neste sentido, a “... o princípio intelectivo é a forma” (ST, I, q. 76, a. 1) e “também qualquer forma, considerada como acto, dista imenso da matéria, ente somente em potencial” (ST, I, q. 76, a. 7). Desse modo, pode-se compreender por similitude o princípio pelo qual o intelecto intelige as coisas dotadas de matéria. De acordo com Santo Tomás, a forma nada mais é do que o ato da matéria (Cf. ST, I, q. 105, a. 7), sendo assim, entende-se que forma não é matéria, mas esta necessita daquela para existir; a forma, contudo, é imaterial, pois se opõe ao que é matéria.

pois se leva em consideração que o intelecto depende da abstração das espécies sensíveis intencionais para dar seguimento ao processo do conhecimento.

O processo do conhecimento sensível, como já foi elencado, finaliza-se pela produção, através da abstração das espécies singulares, da imagem sensível, isto é, do fantasma⁷. O fantasma, por sua vez, é resultante de um processo complexo que envolve vários estágios intermediários.

Agora iremos explicar, de maneira sucinta, o processo, abordado por Tomás, que culmina na produção, realizada pela imaginação das imagens ou fantasmas (*phantasmata*). Deve-se destacar a gênese desse processo por meio da experiência, na qual, por meio dos órgãos dos sentidos, as espécies sensíveis intencionais das coisas singulares são captadas. Por um lado, tem-se a faculdade sensitiva, esta que diz respeito às operações dos órgãos corporais, quais sejam: tato, visão, olfato, paladar e audição, sendo que, de outro lado, esta mesma faculdade diz respeito à imaginação que, apesar de não ser intelectual, tem a capacidade de apreender diversas sensações captadas pelos sentidos.

A imaginação, por receber as espécies abstraídas dos objetos singulares, abarca em si tanto aspectos formais quanto materiais. O processo de união das sensações é realizado pelo ato da imaginação que, conseqüentemente, produz, como decorrência de tal ato, uma imagem referente à coisa sensível. Os fantasmas, imagens das coisas sensíveis, estão em potência em relação ao intelecto, pelo fato de conterem, em potência, a *quididade*⁸ das coisas. Acerca da quididade, na obra

⁷ Pensar os sentidos com qualificáveis de passividade é um erro, pois se nota que na ST. I, q. 78, a. 3, pois cada faculdade capta de acordo com a sua estrutura seu específico objeto. Neste contexto, de acordo com Marechal, faz-se necessário afirmar que os sentidos, portanto, participam ativamente da construção do conhecimento sensível. (Cf. MARECHAL, 1959, p. 143-189).

⁸ Em ST. I, q. 85, a. 5, Tomás afirma que o objeto próprio do intelecto é a quididade das coisas materiais: “Pois, o objeto próprio do intelecto humano é a quididade da coisa material, que está ao alcance do sentido e da imaginação”. A expressão ‘quididade’ é um termo técnico que em Tomás designa o que se convencionou denominar ‘essência’: aquilo que fornece o ‘o que é’ ou o ser de uma coisa, ou seja, o princípio formal que permite à coisa que é informada ser definida segundo um gênero e uma espécie. É princípio de ser apenas no âmbito predicativo, pois para haver existente de fato, segundo Tomás, é preciso haver um terceiro elemento além da forma (essência) e da matéria, qual seja, o ato de ser, já que a essência, assim como a matéria, não é o princípio que atualiza o ser e que dá existência a um existente, mas é o princípio que permite que o ser, enquanto ato, seja recebido para que haja um existente. Desse modo, a distinção é necessária para que o ser da definição, inerente ao âmbito predicativo, não se confunda com o ser que diz respeito à existência, qual seja, o ato de ser, pois do contrário admitiríamos que ao definir uma coisa já estaríamos dando existência a ela. Sendo assim, ao darmos o ser de uma coisa quando a definimos, não damos existência à coisa, mas apenas o enunciado que fornece seu gênero e sua espécie, mostrando que o ser inerente ao trabalho de definir é apenas o ser que diz respeito à predicação.

O *ente e essência*, Tomás afirma: “E, visto que aquilo pelo que a coisa é estabelecida no próprio gênero ou espécie é isto que é significado pela definição indicando o que a coisa é, daí vem que o nome de essência é transformado pelos filósofos no nome de quiddidade” (TOMÁS, 1995, p. 27).

Assim, a quiddidade caracteriza-se como fundamento de universalidade e objetividade do conhecimento intelectual. Ressalte-se que a espécie inteligível não se configura como “o que é inteligido”, mas “pelo que é inteligido”. Caracteriza-se assim porque, em certa medida, ela se comporta como um tipo de intermediário entre o fantasma e o intelecto. A espécie inteligível é aquilo pelo que o intelecto, à sua maneira, conhece primeiro. O intelecto, ao tomar essa espécie como subsidiária do conhecimento, passa a conhecer, a seu modo, as características mais gerais das coisas, as quais podem ser chamadas de inteligíveis, universais entre outras. Segundo Gardeil, a potência não pode por si mesma tornar-se ato, conseqüentemente, faz-se necessário intervir uma capacidade intelectual em ato, esta que possibilitará essa passagem (Cf. GARDEIL, 1967, p. 113).

O fantasma, no entanto, é a matéria-prima indispensável para que haja os momentos subsequentes no processo do conhecimento. Desta forma, reconhece-se a afirmação de Tomás de Aquino de chamá-lo: “... que é como tesouro das formas recebidas pelo sentido” (ST. I, q. 78, a. 4). Por outro lado, para que as imagens sensíveis ou fantasmas não se percam, é necessário que haja uma função que exerça a capacidade de armazenar e conservar essas informações, sendo denominada de memória ou reminiscência. Além da função exercida pela memória, Tomás aponta a uma outra função dos sentidos internos, ao que chama de cognitiva. Essa tem a capacidade não só de julgar as informações recebidas, advindas pelos sentidos e armazenadas na memória, em forma de fantasmas, mas de ir além, comparando-as e criando novas situações ou informações que não tenham, necessariamente, relação com a realidade.

Cabe, desse modo, ao intelecto agente o princípio da operação do intelecto, fazendo com que o conteúdo da imagem sensível (fantasma) em potência seja transformado em ato (universal)⁹. A função cognitiva, como vimos acima, tem, pois, uma função intermediária entre os sentidos internos e a operação do intelecto. Deste modo, podemos observar que a operação

⁹ Pode-se verificar no DV, q. 10 a. 6, ad 7 o agente principal deste processo é o intelecto agente, restando ao fantasma, na produção das espécies inteligíveis, ser o agente secundário ou instrumental.

do intelecto inicia-se a partir da formação da base ou substrato, em potência¹⁰, do qual o intelecto irá extrair os dados da imagem sensível para formação de um universal (conceito), que Tomás exprime o sentido do termo universal em ST, I, q. 85, a. 2.

Em relação à continuidade entre conhecimento sensível e intelectual, na contramão do pensamento tomista, há uma linha de pensamento formalista. Esta separa a sensibilidade do intelecto, isolando-os, colocando uma intuição sensível e uma intuição intelectual. Estas formas de conhecimento estão privadas de correlação e o contraste com o outro, tendendo, por sua vez, a antítese. Sendo assim, pela oposição das formas de conhecimento, surgem os sistemas filosóficos – apesar de ter uma inspiração comum –, na qual unilateralmente afirma a primazia exclusiva de da sensibilidade (empirismo) e da razão (racionalismo).

A metafísica, no entanto, está atenta às articulações reais de nosso conhecimento e refletindo a estreita continuidade entre conhecimento sensível e intelectual. Esta é a ideia fundamental da epistemologia realista tomasiana, segundo a qual o nosso conhecimento, através das inúmeras operações cognitivas, possibilita o homem de reconhecer a origem do conhecimento¹¹.

O conhecimento intelectual do singular torna-se mais claro a partir do momento em que observamos que o fundamento ontológico dessa questão é o homem todo, ou seja, a unidade substancial do homem¹². O que justifica essa tese é o homem unir em si a ação conjunta de duas faculdades: uma totalmente imaterial, o intelecto e a faculdade da sensibilidade. Tomás atenta para esta tese através dos escritos platônicos, pois o homem por ser essencialmente alma (princípio imaterial), tem a capacidade, para além do conhecimento sensível, por sua potência intelectual um conhecimento universal. Conforme Tomás descreveu na Suma Teológica: “admite com Platão, que o intelecto difere do sentido; mas, de outro ensina que o sentido não tem, sem comunicação do corpo, operação

¹⁰ Na ST, q. 84, a. 4 observa-se que, de acordo com texto do aquinatense, não se sustentam espécies inteligíveis inatas no intelecto humano, pois para entrar em operação, o intelecto precisa que as espécies inteligíveis sejam produzidas a partir da quiddidade abstraída dos fantasmas. Tais espécies não são as formas ou ideias transcendentais, porque, se fossem, seria contrário à experiência.

¹¹No argumento tomasiano da Suma Teológica I, q. 84, a. 1: “Se a alma conhece os corpos pelo intelecto”, Tomás quer mostrar que a ciência está no intelecto, em contrapartida, se o intelecto não conhece os corpos não há ciência da natureza, esta que se dedica ao estudo do corpo mutável. Esta ciência é caracterizada pela investigação do conhecimento do movimento e da matéria, e, por conseguinte, as explicações pelas causas motoras e materiais são apreendidas pelas operações sensitivas.

¹² Pode-se dizer também hilemorfismo.

própria; de modo que sentir não é acto só da alma, mas do conjunto” (ST. I, q. 84, a.6.). Dessa forma, a solução desenvolvida por Platão, abre-se a hipótese da dimensão imaterial do homem, esta que, de certa forma, tem sua limitação, tendo em vista a possibilidade do intelecto conhecer a coisa material¹³. Por isso Tomás descreve: “Como, porém, os fantasmas não bastam para imutar o intelecto possível, mas preciso que se tornem em inteligíveis actuais, não se pode dizer que o conhecimento sensível seja a causa perfeita e total do conhecimento intelectual, mas, antes e de certo modo, a matéria da causa” (ST. I, q. 84, a.6.).

Nestes termos, Santo Tomás recorre a Aristóteles como um meio para decifrar as tentativas de resolução dos filósofos antigos e, principalmente, por Platão em relação à natureza do ato intelectual de conhecimento. Aristóteles concorda com Platão no que concerne a passividade do intelecto frente as coisas materiais. No entanto, discorda de Platão ao dizer que o intelecto, mesmo sendo incorpóreo, pode conhecer¹⁴ a coisa corpórea a partir de um ato próprio do intelecto agente, que atualiza o inteligível em si pela abstração¹⁵.

Neste contexto, Tomás querendo justificar a plausibilidade dessa possibilidade, proposta por Aristóteles, da conexão entre o inteligível (espécie inteligível) e o sensível (fantasma), afirma:

Aristóteles, por fim, seguiu uma via média. De um lado, admite com Platão, que o intelecto difere do sentido; mas, de outro ensina que o sentido não tem, sem comunicação do corpo, operação própria; de modo que sentir não é acto só da alma, mas do conjunto. [...] Como, pois, não há inconveniência em que as coisas sensíveis, exteriores à alma, causem alguma cousa no conjunto, Aristóteles concorda com Demócrito em que as operações da parte sensitiva são causadas pela impressão dos sensíveis no sentido [...]. Porém, quanto ao intelecto, Aristóteles ensina que opera sem comunicação do corpo; pois, nada do que é corpóreo pode imprimir-se num ser incorpóreo. Por onde, para causar a operação intelectual, segundo Aristóteles, não

¹³ Para Platão, o homem é essencialmente alma, constituição imaterial. Neste sentido, ao afirmar que o ato cognoscitivo é um ato estritamente imaterial, pois tanto o homem, que é alma, imaterial é também seu objeto de conhecimento, em outros termos, as formas separadas também são de natureza imaterial.

¹⁴ Como já fora mencionado, é a unidade substancial humana que conhece, não é apenas o intelecto conhece a coisa material, visto que, para que haja a intelecção após o processo da abstração, produção da espécie e do conceito, é necessário a *convertio ad phantasmata* para ter acesso à coisa material.

¹⁵ Neste contexto, ato de abstrair a quiddidade da imagem sensível (pela conversão ao fantasma) que o intelecto, mesmo sendo de natureza imaterial, pode ter em si e através do seu modo de agir, o conhecimento inteligível da coisa material.

basta só a impressão dos corpos sensíveis, mas se requer algo mais nobre, porque o agente é mais nobre que o paciente [...] intelecto agente [...] torna os fantasmas, recebidos pelos sentidos, em inteligíveis actuais, por meio da abstração (ST. I, q. 84, a. 6)

O objeto próprio do intelecto humano, que é espírito, que está unido a um corpo, é a quiddidade alcançada pelo intelecto através do processo de abstração, fazendo com que o homem tenha a possibilidade de conhecer, esta que só se realiza no ato judicativo¹⁶. Neste contexto, o processo de abstração, no qual as imagens sensíveis (fantasmas) tornam-se inteligíveis, é fundamental para o processo do conhecimento, pois une em si os elementos corpóreos e inteligíveis. Por exemplo, ao observar uma pedra determinada através dos sentidos, cria-se uma imagem sensível da mesma, em que, por meio da abstração, passa-se do particular para o universal. Num primeiro instante, parece que não se pode conhecer a natureza da pedra, ou das coisas corpóreas de forma completa e verdadeira. No entanto, o particular é aprendido com os sentidos e não com o intelecto¹⁷. Sendo assim, para que o intelecto entenda seu próprio objeto, é necessário retornar à experiência, de modo como que a natureza universal esteja em conformidade com a entidade sensível. Esse retornar à experiência ou, como é chamado por Tomás, conversão ao fantasma, deve ser esclarecido que o fantasma não é a coisa em si, mas uma semelhança (similitude) do que foi diretamente conhecido pelos sentidos. Neste contexto, afirma Santo Tomás:

Mas, principalmente, o corpo é necessário à alma intelectiva para a operação própria dela, que é o entender, pois, pela sua essência, não depende do corpo. Se, pois, a alma fosse apta, por natureza, a receber as espécies inteligíveis, por influência somente de certos princípios separados, sem que as recebesse pelos sentidos, não precisaria, então, de corpo para entender e estaria unida ao corpo em vão (ST I, q. 84, a. 4., Respondeo).

Com efeito, o intelecto sabe que conhece, quando este reflete sobre o seu próprio ato. A verdade, por sua vez, está no intelecto não só porque conhece seu ato, mas, conforme Tomás no *De Veritate* descreve, "... porque conhece a relação

¹⁶ Para Santo Tomás, a formulação de um juízo é, portanto, afirmar que certa forma existe atualmente em um sujeito, seja ela substancial ou accidental. Sendo assim, o verbo "ser" é utilizado, já que o mesmo significa sobretudo a atualidade, e, posteriormente, se refere à composição entre a forma e o sujeito. O juízo, por sua vez, é a fórmula que exprime esta conformidade entre o sujeito e o objeto (Cf. Gilson, 1944, p. 62-63).

¹⁷ Não é dada ao homem, segundo Santo Tomás de Aquino, uma intuição intelectual que o permita um conhecimento direto das essências, descrita na ST, I, 86, a.1.

dele à coisa, relação que certamente não pode ser conhecida a não ser conhecida a natureza do próprio ato, que, por sua vez, não pode ser conhecida a não ser que seja conhecida a natureza do princípio ativo, que é o próprio intelecto, cuja natureza é de se conformar à coisa. Assim, o intelecto conhece a verdade pois reflete sobre si mesmo” (DV, q. 1, a. 9).

Tantos os sentidos como o intelecto, em sua primeira operação, não podem ser enganar, ressalvo algum acidente, acerca dos objetos que lhes são próprios. Pode-se dizer que neles contém a verdade, visto que suas representações ou similitudes estão em conformidade com seus objetos próprios, porém não sabem que a contem a verdade, em outros termos, não há consciência da verdade. Por outro lado, apenas no juízo, o intelecto, pela sua natureza, se conforma à coisa e tem consciência dessa conformidade. Como afirma Landim, “A consciência (ou o conhecimento) dessa conformidade deve-se à reflexão envolvida em qualquer juízo com pretensões à verdade: a reflexão sobre o ato direto de julgar é consequência da efetuação do próprio ato judicativo” (LANDIM FILHO, 2013, p. 210).

De acordo com Tomás, o homem sabe que conhece através do *‘convertio ad phantasmata’*, pois, desse modo, há um conhecimento indireto do singular, ou seja, o intelecto conhece “indirectamente e por uma como (*quasi*) reflexão, pode conhecer o singular ...” (ST, I, 86, a.1.), porque seu conhecimento depende dos dados fornecidos pela singularidade. Esta é uma tese fundamental da teoria gnosiológica, que corresponde, igualmente, à importante doutrina antropológica sobre a união substancial do homem. Isto posto, no homem em que a alma está unida substancialmente ao corpo, este torna-se imprescindível para a operação de entender e, portanto, não podemos negar a conexão do ato intelectual com o sensível. Esta conexão se sobressai no que concerne a uma necessidade de retornar à experiência sensível, após o conhecimento do universal. No entanto, a operação do intelecto requer dele mesmo a volta ao fantasma. Mediante a esta volta, a formação do universal pelo intelecto é ratificada mediante a esse retorno à imagem sensível (Cf. ST I, 85, a. 5, ad 2).

Assim, ao afirmarmos que o intelecto tem como objeto o universal, estamos sintetizando uma situação que, na verdade, é mais complexa¹⁸. Por

¹⁸ De fato, muitas dificuldades surgiram ao longo da história, a fim de explicar as peculiaridades do conhecimento humano: alguns nascem em apoio a uma falta de comunicação entre o intelecto e sensibilidade, que, por sua vez, procede de um método intuicionista (que defende conhecimento direto das essências) e matemático como é o cartesiano. Temos também as diferenças entre o empirismo e o racionalismo que colidem com dificuldades insuperáveis para fundar a estrutura cognitiva do sensível para o universal, e encontrar a realidade correspondente aos conceitos.

isso, Tomás afirma: “O sentido e a imaginação são os responsáveis pela apreensão das coisas no particular, única maneira de o intelecto se deter sobre a quiddidade delas que é seu objeto próprio de conhecimento” (ST. I, q. 84, a. 7). A tarefa do indivíduo é conhecer a natureza das coisas: as faculdades sensíveis captam o particular e, por abstração quidditativa da imagem sensível, o intelecto pode ‘ver’, por ‘certa reflexão’, a essência do universal realizada no particular e, nas palavras de Tomás, “(...) como já disse, o objeto próprio e proporcionado ao nosso intelecto é a natureza da coisa sensível” (ST. I, q. 84, a. 8).

A natureza dos dados sensíveis são os elementos fundamentais que permitem a operação intelectual. Neste sentido, a partir do sensível, Tomás de Aquino propõe a ocorrência de formas imateriais. Para Tomás, segundo Nascimento, o acesso ao conhecimento é dado através de um juízo negativo, a partir das noções advindas dos sensíveis, que permitem apenas a elaboração de definições descritivas (NASCIMENTO, 2006, p. 35-36). Pelo conjunto da obra, desse modo, pode-se compreender porque o intelecto necessita voltar aos dados recebidos pelas operações sensitivas (conversão ao fantasma), uma vez que, por esse processo, o ser humano tem a possibilidade, de acordo com o estado da vida presente, de estabelecer parâmetros que lhe permitem definir o mundo. No entanto, deve-se ressaltar que este retorno não é uma volta arbitrária, mas um retorno à imagem sensível, que fora iluminada pelo inteligível no processo abstrativo. E, assim, mediante o fantasma, visa-se às coisas singulares.

Referências

TOMÁS DE AQUINO. *De Veritate*, q.10. In: Cuadernos de Anuário Filosófico. Tradução de Angel Luiz Gonzalez, n. 142. Pamplona: Universidade de Navarra. Disponível em: <<http://dspace.unav.es/dspace/bitstream/10171/5860/1/142.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

_____. *Suma Teológica*. Tradução de Alexandre Corrêa (org). 2. ed. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes, Livraria Sulina Editora: Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1980. (Edição bilingue, português - latim).

_____. *O Ente e a Essência*. Ed. bilingue. Tradução de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Petrópolis: Vozes, 1995.

Bibliografia auxiliar

GARDEIL, H. D. *Iniciação a Filosofia de São Tomás de Aquino*, Tomo IV METAFÍSICA. Tradução de Paulo Eduardo Arantes. São Paulo: Duas Cidades, 1967.

_____. *Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino: Psicologia, Metafísica*. Tradução de Cristiane N. A. Ayoub, Carlos E. de Oliveira, José Carlos Estevão, Moacyr Novaes. São Paulo: Paulus, 2013.

LANDIM FILHO, R. Do real ao singular pela mediação do universal. *Revista Analytica*, v. 17, n. 2, p. 199-220, 2013.

MARECHAL, Joseph. *El punto de partida de la metafísica*. Madrid: Gredos, 1959.

NASCIMENTO, C. A. R. do. “As questões da primeira parte da Suma de Teologia de Tomás de Aquino sobre o conhecimento intelectual humano”. In: TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia*. [Primeira parte, Questões 84-89]. Edição bilíngue. Tradução de C. A. R. do Nascimento. Uberlândia: EDUFU, 2006.

SERTILLANGES, A. D. *As grandes teses da filosofia tomista*. Tradução de L. G. Ferreira da Silva. Braga: Livraria Cruz, 1951.

Artigo recebido em 01 de setembro de 2016
e aprovado para publicação em 21 de setembro de 2016

Como citar:

CHAGAS DE PAIVA, A.; FARIAS, Cleber de Lira. Relação entre o sensível e o inteligível em Santo Tomás de Aquino. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, p. 11-23, jan./jun. 2017. ISSN 1677-7883. Disponível em: <www.revistacoletanea.com.br>.